

REFLEXÕES SOBRE O PENSAMENTO DIDÁTICO-ESTÉTICO DE COMENIUS A PARTIR DE SEUS INTÉRPRETES, NO CONTEXTO DE UM DIÁLOGO COM MARX E LUKÁCS

Ana Paula Sancho Diogo¹
Lindolfo Ramalho Farias Junior²
Frederico Jorge Ferreira Costa³

Resumo

Este artigo expõe os resultados da pesquisa bibliográfica para fins de apresentação de seminário sobre o pensador Comenius na Disciplina Teorias da Educação e Formação de Professores no Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará. Objetiva analisar a tecnologia do livro didático, a arte e a estética da didacografia como metodologia universal para o ensino proposto por Comenius na tentativa de perceber as nuances dessas objetivações humanas sob a visão crítica de Karl Marx e George Lukács. O método utilizado foi o materialismo histórico para a compreensão do objeto em estudo, visto que a herança das grandes produções humanas são linhas basilares para o pensamento marxiano. A análise bibliográfica é uma técnica de aproximação inicial que desvela a aparência do objeto pesquisado na busca de sua essência. Verifica-se que as categorias desenvolvidas por Comenius se distanciam daquelas desenvolvidas por Marx e Lukács, embora perceba-se que a educação do mundo capitalista do século XXI engendra uma forma de fazer educação comeniana em detrimento das possibilidades apontadas por Marx na formação do homem universal.

Palavras-chave: Tecnologia. Livro didático. Estética.

REFLECTIONS ON PEDAGOGICAL-ESTHETIC THINKING OF THE COMENIUS FROM THEIR INTERPRETERS, IN THE CONTEXT OF A DIALOGUE WITH MARX AND LUKÁCS

Abstract

This article exposes the bibliographic search results for seminar presentation purposes about the thinker Comenius in Discipline Theories of Education and Teacher Training in the Postgraduate Course in Education of the State University of Ceará. Aims to analyze textbook technology, the art and aesthetics of didacography as a universal methodology for the teaching proposed by Comenius in an attempt to perceive the nuances of these human objectifications

¹ Mestranda em Educação por meio do Programa de Pós Graduação em Educação na Universidade Estadual do Ceará- UECE, na linha Marxismo e Formação do Educador, no núcleo: Marxismo como Ontologia do ser social; Especialista em Linguística Aplicada em Língua Portuguesa pela Faculdade Sete de Setembro (FA7); Especialista em Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental I na Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: anapaulasancho@yahoo.com.br

² Doutorando em Educação PPGE-UECE (2018), Mestre em Linguística Aplicada - UECE (2016); Especialização em Semiótica Aplicada à Literatura e áreas afins - UECE (2013). E-mail: lindolfo@gmail.com

³ Doutor em Educação. Professor da Faculdade de Educação de Itapipoca da Universidade Estadual do Ceará – FACEDI/UECE. Coordenador do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário – IMO. E-mail: frederico.costa@uece.br

under the critical view of Karl Marx and George Lukacs. The method used was historical materialism for understanding the object under study, whereas the heritage of the great human productions are baselines for Marxian thought. Bibliographic analysis is an initial approach technique that reveals the appearance of the searched object in search of its essence. The categories developed by Comenius differ from those developed by Marx and Lukács, although it is clear that the education of the 21st century capitalist world engenders a way of doing comenian education to the detriment of the possibilities pointed out by Marx in the formation of the universal man.

Keywords: Technology. Textbook. Aesthetics.

Introdução

O pensamento pedagógico de John Amos Comenius (1592-1670) está situado no contexto histórico da Europa do século XVII e apresenta características típicas da denominada "modernidade". De fato, tal período expressa o processo de acumulação primitiva do capital, de expansão das relações mercantis e de revoluções burguesas pela conquista do poder político. Isso, por sua vez define novas fronteiras em relação à educação tradicional frente à urbanização, à indústria, à ciência e necessidades do aparelho do Estado burguês. Há pressões para uma educação universal e, portanto, a necessidade de tornar as escolas mais populares, a criação de uma estrutura epistemológica mais ampla da pedagogia e a identificação de métodos de ensino e um novo conceito de cultura.

Nesse ínterim, a *Didática Magna* ou *Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos* representa o principal trabalho em que o pensador da Morávia discute seu conceito pedagógico: a estreita relação entre os problemas de educação e as questões gerais da humanidade; o papel central desempenhado pela educação em o quadro do desenvolvimento social; a existência de um método de ensino universal com base nos processos harmônicos da natureza; o conceito de aprendizagem aberta; o conceito da unidade do conhecimento; e o compromisso com uma educação para a paz e para compreensão entre os povos (BOLLIS, 2015).

Contudo, o século XVII foi caracterizado pelo surgimento de uma nova tendência pedagógica, que mais tarde ficou conhecida sob o nome de realismo (CAMBI, 1999). Esta nova tendência introduziu uma nova maneira de considerar a educação, a escola e o estudante. Além disso, essa pedagogia não foi uma mera expressão da recusa a educação tradicional, mas sim -, e mais fundamentalmente, foi o produto de uma nova compreensão dos conceitos de homem e

vida, em que o pensamento racional e explicação científica da realidade desempenharam um papel importante.

Assim, esta nova concepção pedagógica destacou as características típicas da sociabilidade burguesa emergente, ou seja, os inovadores da reforma foram formadores consumados, metodistas e divulgadores (BOLLIS, 2015). Sendo assim, seus esforços encontraram forma nos catecismos, guias e manuais. O resultado desses processos foi que o currículo começou a denotar um corpo fixo de ensinamentos, ou seja, doutrina, que poderia ser ministrado usando uma tecnologia instrucional, ou seja, didática, válida para todos os alunos (GASPARIN, 1997).

Nesse contexto, para Piaget (2010), Comenius empreendeu uma nova mecanização da didática em sua *Didática Magna*, pois a visão do morávio era que as mentes dos aprendizes podiam ser impressas ou gravadas com conhecimento de maneira análoga ao processo de inscrição em uma tábua de cera ou no processo de impressão no papel.

Comenius (2006, p. 196) argumenta que, enquanto "Aristóteles comparou a mente do homem a uma tábua em branco na qual nada estava escrito, mas no qual todas as coisas pudessem ser gravadas", havia uma grande diferença, "que na tabuinha a escrita é limitada pelo espaço, enquanto, no caso da mente, você pode continuamente continuar escrevendo e gravando sem encontrar qualquer limite, porque, como já foi mostrado, a mente está sem limites".

Assim, buscando uma analogia com a arte da impressão, Comenius (2006, p. 241) procura mostrar, "por uma comparação mais detalhada, a verdadeira natureza deste novo método, já que ficará evidente que o conhecimento pode ser impresso na mente, da mesma forma que sua forma concreta pode ser impressa em papel". De fato, podemos adaptar o termo "tipografia" e chamar o novo método de ensinar "didachography", ou seja, didacografia.

Gasparin (1997) afirma que Comenius, elaborando seu novo método, explica que,

Em *didachography*, em vez de papel, nós temos alunos cujas mentes têm que ficar impressionadas com os símbolos do conhecimento. Em vez de tipo, temos os livros de classe e o resto do aparato planejado para facilitar o funcionamento do ensino, que mantém os alunos à altura do trabalho e os compele a aprender.

Conforme o exposto, o presente estudo objetiva analisar a tecnologia do livro didático, a arte e a estética da didacografia como metodologia universal para o ensino proposto por Comenius na tentativa de perceber as nuances dessas objetivações humanas sob a visão crítica de Karl Marx e George Lukács.

Trata-se de uma pesquisa que repousa sobre o esteio do método do materialismo histórico para o desvelamento das objetivações que surgiram para que fossem identificadas as categorias que dessem conta de sair da aparência para acessar a essência do que se propôs pesquisar. Uma pesquisa teórico-bibliográfica que segue o percurso do objetivo prescrito. Para tanto, serão utilizadas categorias presentes nas obras de Marx e Lukács no intuito de contribuir com a análise crítica do pensamento comeniano.

Para Marx, a crítica ao conhecimento acumulado consiste em trazer ao exame racional, tornando-os conscientes, os seus fundamentos, os seus condicionamentos e os seus limites - ao mesmo tempo em que se faz a verificação dos conteúdos desse conhecimento a partir dos processos históricos reais, ou seja:

O **concreto** é concreto porque é a **síntese** de muitas determinações, isto é, **unidade do diverso**. Por isso, o **concreto aparece** no pensamento como o **processo da síntese**, como **resultado**, não como ponto de partida, **embora seja o verdadeiro ponto de partida** e, portanto, o ponto de partida também da **intuição** e da **representação**. (MARX, 2008, p.260-261, *grifo dos autores*).

Portanto analisar Comenius por meio da crítica de Marx e Lukács possibilita a realização da negação, da afirmação e da superação de algumas das categorias trazidas para a arena deste trabalho, tais como: imitação, arte, estética, imutabilidade da arte, formação dos sentidos, etc.

Diante do exposto, fez-se um levantamento bibliográfico do estado da arte relacionado à temática, no qual se destacou cinco trabalhos, como o de Gasparin (1997) que aborda a modernidade pedagógica proposta por Comenius e os recursos didáticos utilizados por ele, semelhante assim, com os escritos de Piaget (2010) que embasaram as formulações deste referido estudo. Além da análise direta a *Didática Magna* de Comenius e aos escritos de Marx e Lukács.

Miranda (2011) destaca em seu estudo a importância da obra *Orbis Pictus* para a educação contemporânea – primeiro livro ilustrado para a educação infantil -, com imagens em xilogravura e o ensino de línguas estrangeiras. Lopes (2009) revisita os trabalhos de Comenius com ênfase no uso das ilustrações para o ensino do Latim nas obras do educador. Por fim, os estudos de Bollis (2015), no qual ampara-se em três grandes fases do educador morávio e a formulação do seu pensamento pedagógico a luz dos recursos pedagógicos utilizados pelo educador.

Portanto, a relevância deste estudo está na importância da arte e da estética na didacografia como metodologia universal para o ensino proposto por Comenius e a ausência de

pesquisas nesta área, assim como, o destaque da contribuição e importância do Livro didático no processo de ensino e aprendizagem. A seguir, o aprofundamento teórico deste trabalho será apresentado.

A instrução comeniana e a tecnologia do livro didático no ideário da Didática Magna

Durante o século XVII, surgiu uma pedagogia socialmente comprometida com as necessidades de um mundo em transformação. O principal representante desta nova abordagem, particularmente no norte da Europa, foi John Amos Comenius, que propôs a ideia de uma educação universal alimentada por poderosos ideais filosóficos e político-religiosos.

Assim, o pensador morávio decidiu inspirar-se diretamente nos valores e crenças dos utópicos do Renascimento e desenvolveu-os com um claro propósito pedagógico, concentrando-se em particular nos ideais de justiça, pacificação universal e social, reforma política e intelectual (GASPARIN, 1997).

Para Gasparin (1997), essa abordagem levou Comenius a se tornar um forte defensor da universalidade da educação e sua centralidade na vida dos indivíduos e da sociedade. Daí a sintonia com uma classe em ascensão – a burguesia - de sua proposta educacional, tornando-se claro à luz de sua compreensão da paz universal e da necessária colaboração entre as pessoas em todas as esferas da vida, a fim de criar uma sociedade humana e melhorar as condições da humanidade, particularmente através da prática da educação.

Na literatura pedagógica, John Amos Comenius é reconhecido como o gênio pedagógico do século XVII. Em sua pedagogia, de acordo com Lopes (2009), teoria e ação interagem mutuamente, a fim de aproveitar o poder da educação para renovar uma humanidade devastada pela guerra e pela divisão (LOPES, 2009).

Ademais, Comenius viveu em uma “era de guerra, perseguição, demografia e depressão econômica, portanto ele se comprometeu com uma renovação universal cultural e em uma sociedade baseada no papel criativo da educação” (LOPES, 2009, p. 65). Sua proposta educacional é construída sobre uma visão mística da realidade, na qual o fervor religioso luterano combinou com as visões naturalistas dos filósofos como Giordano Bruno e Tommaso Campanella (LOPES, 2009). Estes conceitos são expressos na obra *Princípios da Pedagogia Moderna*. Assim, com um nível pedagógico rigoroso, os principais fundamentos da pedagogia comeniana são

a estreita relação existente entre os problemas da educação e as questões gerais da humanidade; o papel central desempenhado pela educação no quadro de desenvolvimento social; a existência de um método de ensino universal baseado no processos harmônicos da natureza; o conceito de *longlife* e *open learning*; o conceito da unidade do conhecimento; e o compromisso com uma educação para a paz e para o entendimento entre os povos (LOPES, 2009, p. 53).

Sendo assim, todos esses conceitos destacam o papel do pedagogo da Morávia como grande inovador das características típicas em todas as suas obras de natureza mística e religiosa. De fato, seu pensamento é fortemente caracterizado por ideais como pacificação universal e pansofia, ou seja, a organização do conhecimento, ideias que representam de fato o mais original e significativo aspecto do pensamento pedagógico comeniano (GASPARIN, 1997).

De fato, sugere Lopes (2009), as revisões de Comenius das máximas de Wolfgang Ratke (1571-1635) podem ser vistas como a origem da escola moderna como uma máquina de ensino e aprendizado. A partir do século XVII, a distinção entre a pequena didática de Ratke e a grande didática de Comenius repercutiu em toda a Europa.

Miranda (2011) destaca que em alguns contextos europeus, como Espanha e Portugal, a didática é considerada como um artesanato de sala de aula conduzido por artesãos, enquanto em outros países a didática é considerada como responsabilidade dos arquitetos de sistemas, ou seja, planejadores educacionais responsáveis por projetar, construir e dirigir sistemas de ensino.

Contudo, a Didacografia vista como uma “máquina” de ensino e aprendizagem, pode-se observar na obra *Orbis Pictus* mais do que na *Didática Magna*, o autor, do próprio subtítulo do livro, promete: “Imagens e nomes de todos as coisas fundamentais do mundo e as atividades da vida”. Mais tarde, no prefácio, ele diz que “... é um breviário de todos e de todos os idiomas”, e novamente se refere ao livro, chamando-o "nossa pequena enciclopédia de coisas sensíveis" (MIRANDA, 2011, p. 198).

Na verdade, para Miranda (2011), o conteúdo abordado é enciclopédico - não nos esqueçamos que Comenius é um discípulo de um dos o mais reconhecido dos enciclopedistas Johann Heinrich Alsted (1588-1638), que compartilha a perspectiva holística de levar em conta todos os tipos de conhecimento existentes “o cosmos”, uma das preocupações eternas da humanidade.

Para Miranda (2011, p. 199), “com o *Orbis Pictus* na mão, procuramos o universo inteiro: começando com Deus/Criador, é esboçado um caminho descendente que aborda os

quatro elementos - fogo, ar, água, terra - para nos levar aos três reinos da natureza e chegar ao homem.” Assim, segundo Comenius, este é o homem que enfrenta a natureza e a divindade que integra ambos igualmente, harmoniosamente. O fruto do trabalho humano são os negócios e as avanços que o levam a construir sua habitação e melhorar suas condições de vida.

Entretanto, na obra *Orbis Pictus*, Comenius também recria o mundo da escola e das artes liberais, bem como a vida do homem e a presença de sua condição moral e social; a vida nas cidades e, finalmente, as religiões conhecidas naqueles séculos. Contudo, pode-se dizer que as ilustrações inseridas nesta obra mostram, segundo Miranda, que é

um grande ensinamento e experiência, e amplo conhecimento - verdade das sociedades daqueles anos - em vários campos: eles obedecem a um programa claramente produzido em conjunto com o ensino de Latim no vernáculo, como uma língua viva que incorpora o conteúdo da realidade circundante; organizada em torno de imagens temáticas que atuam como geradoras de núcleos (MIRANDA, 2011, p. 201).

Ademais, o texto aparece em tantas colunas quanto em idiomas de referência por exemplo. Latim, Checo e Alemão - e algumas palavras são relacionadas por meio de um número com algum objeto particular da imagem como um todo. Os esforços do professor centram-se em ajudar o aluno a unir o sinal visual com o auditivo (MIRANDA, 2011).

No ideário da Didática Magna, Comenius também se concentrou na ideia de que as experiências e os sentidos da criança são uma porta de entrada para a aquisição da linguagem. Para ele, a cognição sensual foi o primeiro passo na educação do homem. Em todas as suas obras Comenius dirigiu a atenção para os objetos ao nosso redor, em um estilo sublime e emocional.

O educador morávio também apontou a necessidade de relacionar impressões sensuais à atividade do aluno e ao aprendizado de palavras. Comenius postulou que os sentidos da criança podem compreender e tentar sempre associar a palavra e o objeto referido. Para Comenius, sempre que a instrução é dada em qualquer idioma, mesmo que seja na própria língua materna, as palavras devem ser explicadas mostrando ao filho o objeto denotado. Por outro lado, tudo que a criança veja, ouça, toque ou saboreie, deve ser ensinado a expressar palavras, para que o comando da linguagem e desenvolvimento do progresso da mente uniformemente lado a lado (COMENIUS, 2006).

Entretanto, ao considerar as demandas e os desafios do currículo e da tecnologia do livro didático no processo de alfabetização no século XXI, deve-se dizer que há um imperativo

premente para se entender os textos, os contextos nos quais eles são usados e a linguagem que os cerca (BAKHTIN, 2016). Parte disso significa ampliar genuinamente o escopo do pensamento para incluir a experiência familiar dos textos. Nesse contexto, compreender a experiência do processo de leitura significa reconhecer que as preferências das crianças em formas culturais populares de letramento e visualização fora da sala de aula fazem parte de sua própria paisagem (BAKHTIN, 2016).

Importante destacar no ideário da *Didática Magna* e o contexto atual da sala de aula, percebe-se que o professor seleciona os textos e garante que eles ficarão sob algum tipo de escrutínio crítico. É na sala de aula que a alfabetização das crianças é - e deve ser - mediada criticamente por professores e outras pessoas envolvidas na alfabetização. Usamos "criticamente" em mais de um sentido: e, é claro, criticamente importante que as crianças tenham acesso a seus direitos na alfabetização, e que os professores proporcionem seu progresso contínuo nessa ação. Contudo, Comenius (2006), apontava em seus escritos que as crianças deveriam ser formadas principalmente com base em temas reservados para a idade madura.

Hoje, bem sabe-se que é igualmente importante, que esses direitos incluam o direito de ler criticamente e é essencial que os professores assumam os dois sentidos do crítico ao abordarem o currículo de leitura na escola. Tudo isso implica a necessidade de desenvolver novas formas de falar sobre textos - e alfabetização - e as maneiras pelas quais eles são ensinados nas salas de aula. Uma vez que muitas, para Bakhtin (2016), das novas formas de texto são encontradas fora da sala de aula, e frequentemente em casa, conversar com as crianças sobre suas próprias experiências de textos deve ser parte da consideração do que 'alfabetização' - e alfabetização crítica específica - pode significar aprendizagem significativa.

Arte e estética da *didacografia* comeniana como objetivação humana

Como foi dito no tópico anterior, este grande pensador que, ainda hoje, é citado e estudado nos cursos de formação de professores em todo o mundo, teve grande contribuição ao uso que se faz hoje dos livros didáticos no espaço escolar para a mediação entre os processos de ensino e de aprendizagem. Além disso, viu na tecnologia tipográfica um modelo ideal a ser seguido como método de ensino na educação escolar de crianças e jovens de sua época.

A união da arte tipográfica e o uso de livros didáticos por Comenius impactaram a forma de apresentação dos conteúdos produzidos socialmente pela humanidade e transmitidos às novas gerações e a prática metodológica de dar aulas propriamente dita.

Diante do exposto, neste tópico, objetivamos analisar a arte e a estética da didacografia como metodologia universal para o ensino proposto por Comenius na tentativa de perceber as nuances dessas objetivações humanas sob a visão crítica de Karl Marx e George Lukács.

Comenius tentou responder as necessidades do seu tempo, na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, na transição do feudalismo para o capitalismo. Essa última mudou o rumo da história da humanidade significativamente com uma nova forma social de produção da riqueza material humana como nos apresenta o historiador Cambi (1999):

Um século trágico, contraditório, confuso e problemático, que manifesta características frequentemente antinômicas (guerras e revoltas quase endêmicas e profundas aspirações à paz; racionalismo e superstição; classismo e barroco; absolutismo e sociedade burguesa com seus aspectos de individualismo, jusnaturalismo etc.), mas que opera uma série de reviravoltas na história ocidental, as quais mudaram profundamente sua identidade, como o Estado Moderno, a nova ciência, a economia capitalista: e ainda: a secularização, a institucionalização da sociedade, a cultura laica e a civilização das boas maneiras (CAMBI, 1999, p. 277).

Percebe-se que o século de Comenius é um tempo de mudanças efetivas na sociedade, onde a velha forma social dava lugar a novas formas de sociabilidade humana que latejavam e reverberavam em todos os campos da vida dos sujeitos.

O trabalho, elemento fundante do ser social, como vai afirmar Karl Marx um século depois em seus estudos sobre a já consolidada sociedade burguesa do século XIX, vai se configurar de uma nova maneira, exigindo assim outras formas de mediações entre o ser social e a natureza que dessem conta das necessidades objetivas que brotavam naquele tempo histórico transitório que foi o século XVII.

A universalização do pensamento filosófico, da educação, da ciência, da literatura, entre outras mediações, exigia do homem novos comportamentos sociais. Comenius como teólogo protestante da Igreja Morávia, educador, cientista e escritor, percebeu que toda aquela efervescência e conquistas social exigia uma nova forma de educação, mas que estivesse arraigada aos princípios religiosos do protestantismo.

Como um grande intelectual numa época de tragédias, tentava dar respostas as necessidades sociais do seu tempo contraditoriamente sobre o binômio inovação *versus* tradição

que representa, talvez, o aspecto mais original e significativo do pensamento pedagógico deste filósofo.

Em todo o desenvolvimento da sua *Didática Magna* é possível sua obra como uma resposta às necessidades de seu tempo. Comenius, longe de ser um filósofo de gabinete expressa um pensamento impregnado por sua ação prática enquanto educador que era. Comenius conclama que o método de educar deva basear-se na arte, claro que tomadas os devidos cuidados de não descolar o teórico do seu tempo histórico é possível uma aproximação de uma análise crítica sob a égide do pensamento marxiano e lukacsiano. Iniciemos pelas categorias tratadas por Comenius, tais como: formação dos sentidos e imitação na arte de educar por meio da *didacografia*.

Quando Karl Marx em seu livro *Manuscritos econômicos filosóficos* discorre sobre a historicidade dos sentidos humanos afirma que:

A formação dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até aqui. O sentido constrangido à carência prática rude também tem apenas um sentido tacanho. [...] O homem carente, cheio de preocupações, não tem nenhum sentido para o mais belo espetáculo[...] (MARX, 2010, p. 110).

Logo se exige uma educação para que estes sentidos tacanhos se elevem o que faz parecer haver vinculação sobre os sentidos percorridos por Comenius em sua *Didática Magna* quando o filósofo afirma que o conhecimento deve necessariamente principiar pelos sentidos (uma vez que nada se encontra na inteligência, que primeiro não tenha passado pelos sentidos). E continua afirmando que cada coisa seja apresentada àquele dos sentidos a quem convém, ou seja, as coisas visíveis à vista, as audíveis ao ouvido, as odorosas ao olfato, as saborosas ao gosto, as tangíveis ao tato dentro do processo educativo por meio do seu método universal através da imitação.

Para Comenius (2006, p. 351) “O homem é um animal imitador [...] que deve imitar as partes pequenas só depois ter a visão do todo”. Imitação, uniformidade e utilidade imediata é para ele o modelo ideal de arte, ou seja, para o filósofo o reflexo da realidade é o reflexo do imediato e aparente preso a transcendência da religiosidade cristã, uma contemplação desinteressada do belo natural uma imitação espelhada do real. O fato dele priorizar a educação dos sentidos não o aproxima em nada do pensamento marxista.

Pois como nos aponta Frederico (2013) que para Marx, ao contrário, não há lugar para a contemplação desinteressada do *belo natural* onde cintilaria a própria essência humana, pois

os sentidos, embora tenham um fundamento natural, conheceram um longo desenvolvimento social e, através dele, diferenciaram-se essencialmente da natureza. Portanto, a apreensão do real pelos sentidos não é a de um reflexo imediato, muito menos de caráter puramente imitador da realidade.

Por outro lado, ambos defendem a importância da educação dos sentidos humanos, entretanto é preciso perceber a concepção de gênero humano que cada um a seu tempo defendeu. Para Lukács, segundo Celso Frederico

Arte não é observação desinteressada das estrelas vagando pelo firmamento e nem contemplação deslumbrada da essência humana em toda parte vista e reconhecida pelo olhar amoroso de um homem eternamente apaixonado. Como atividade prática, a arte é um momento decisivo no processo de autoformação do gênero humano, de apropriação da realidade e doação de sentido. Não há lugar para o *belo natural* no pensamento marxiano. A realidade humana, criada e ampliada pelo trabalho, pela arte e pelas demais objetivações, exige do artista algo mais do que reprodução mecânica das “aparências amigáveis” do mundo exterior (FREDERICO, 2013, p. 53).

Nota-se que se trata de duas concepções completamente distintas do gênero humano, distanciando-os não só no tempo histórico como na forma e no conteúdo de suas elaborações teóricas, uma vez que a concepção de arte e estética o educador comeniano deveria imitar a arte de multiplicar os livros de forma impressa como modelo ideal para seu método de educação, o *método universal* o que o aproxima de uma concepção de homem extremamente limitado e imutável.

Comenius estava encantado com a tipografia de tal modo que só via nela vantagens. A economia apresentada por esta nova tecnologia, a forma por ela apresentada e a correspondência entre os livros impressos em número significativo era tão semelhante que, dizia ele “nem um ovo é tão semelhante a outro” quanto os livros que passam pela indústria tipográfica. Isto o fez rejeitar completamente os livros manuscritos.

A elegância dos livros impressos pelos tipógrafos que os faziam usando de caracteres propositadamente preparados para este fim e não penas molhadas muitas vezes em papéis inadequados quanto da impressão de livros manuscritos entusiasmaram Comenius, além, é claro, da economia vista por ele no processo deste trabalho industrial.

O educador observou que com apenas dois homens é possível cuidar do trabalho da impressão de milhares de livros por via da tipografia, o que o fez fazer analogia ao processo escolar de ensino que ele defendia, que com um menor número de professores, se poderia ensinar um número muito maior de alunos e estes se tornarem realmente instruídos em instrução

polida e cheia de gravidade. Ele acreditava que era “possível imprimir as ciências no espírito da mesma maneira que, externamente, é possível imprimi-las no papel, com tinta” (p.520). Daí é que surge o termo *didacografia* que será explicitada a seguir.

A arte tipográfica tem os seus materiais e os seus trabalhos. Os materiais principais são: o papel, os tipos, as tintas e o prelo; os trabalhos são: a preparação do papel, a composição, a paginação, a secagem, a correção das provas, etc., e cada uma destas coisas faz-se de uma maneira especial, *e se faz da maneira prescrita, tudo corre normalmente.* (COMENIUS, 2006, p. 521, *grifo nosso*).

Ou seja, para Comenius se os professores seguissem à risca o que estava prescrito em seu roteiro de ensino ele teria êxito na arte de ensinar tudo e todos aprenderiam de maneira igualitária.

Ao explicar a didacografia em sua *Didática Magna* Comenius faz uma analogia entre os termos que utilizou para descrever as etapas e procedimentos do trabalho tipográfico com a forma de execução da Didática em sala de aula. Para ele o **papel**, os **tipos**, as **tintas** e o **prelo** são na sequência: os **alunos**; os **livros didáticos** (tantos outros materiais); a viva voz do **professor** que transfere o significado das coisas e por último a **disciplina escolar**. Assim, os livros didáticos deveriam ser de dois gêneros: um para uso dos alunos chamados de livros de texto e os livros-roteiros para os professores. Para imitar a criança ou jovem devem primeiramente fazer uso de uma prescrição e só depois, dominadas as técnicas pode imitar mais livremente, sem roteiro a seguir.

A didática era uma forma de arte e para que esta atingisse a precisão e a elegância deveria inspirar-se nestas qualidades que a arte tipográfica representava para ele. Deste modo, alunos e professores seguindo à risca o método da didacografia alcançariam o êxito. Os alunos passariam do estado de discentes ao de cientes por meio da imitação do mestre que deveria fazer uso de repetições, de exames e de sabatinas, até ter a certeza de que todo o programa se fixou na mente dos alunos, por fim fazia-se um exame final para verificação do que foi completamente aprendido. Portanto,

[...] descoberta a arte tipográfica, se multiplicaram os livros, veículos da instrução, assim também, descoberta a *didacografia* ou *método universal* é possível multiplicar os jovens instruídos, com grande proveito para a prosperidade das coisas humana, segundo a máxima “a multidão dos sábios é a salvação do mundo” (COMENIUS, 2006, p. 530-531).

Comenius esteve sempre vigilante as modificações científicas de seu tempo aproveitando da estética tipográfica, não só a forma para seu método didático como seu conteúdo prático e utilitário.

Esta aproximação dos procedimentos didáticos com aquilo que Comenius considerava, a perfeição dos procedimentos da imprensa tipográfica, uma das grandes invenções da época, norteava a filosofia da educação deste grande pensador preocupado em “ensinar tudo a todos” em pleno século XVII faz dele um progressista para seu tempo. Ao mesmo tempo em que sua forma de pensamento e ação vai contribuir para garantir as aspirações da escola e da didática da sociedade burguesa em seus valores de universalização da educação, de utilitarismo do conhecimento e de disciplinadora das diversas classes e grupos sociais.

Sem incorrer em imprecisão, das metáforas que inspiraram Comenius uma delas é, sem dúvida, a concepção mecânica da natureza e de um homem fadado apenas a imitá-la e perecer na sua imutabilidade como ordena o pensamento burguês que nos esfacela hoje em pleno século XXI.

Conclusão

O distanciamento notado entre estes pensadores: Comenius, Marx e Lukács, não só de um tempo histórico, mas principalmente, do lugar em que partem para a análise do gênero humano e, também, a classes sociais distintas – a burguesia em ascensão e o proletariado em luta por sua emancipação - os colocam em posições sócio-históricas e pedagógicas divergentes.

Aqui, valora-se a perspectiva do materialismo histórico de Marx e Engels, bem como de suas determinações e de suas categorias como peças chave para a compreensão do processo de autoconstrução humana.

Entretanto, os modelos de práticas pedagógicas e de políticas de educação deste tempo histórico revelam aproximações tanto teórico quanto prático da forma de se pensar o ensinar e o aprender do pensamento comeniano.

Talvez não fosse exagero dizer que temos uma **neodidática magna** em pleno século XXI, especialmente nas políticas de alfabetização das crianças por meio do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa no Brasil e no Estado do Ceará o Programa de Alfabetização na Idade Certa, que por hora não discutiremos sobre este assunto, mas que produziram boas reflexões acerca dos métodos, dos livros didáticos e das práticas pedagógica.

Trazer para o centro da arena estes pensadores, discorrendo sobre a tecnologia do livro didático, a arte e a estética como objetivações do mundo dos homens possibilita incursões históricas na grande herança deixada para humanidade por estes gigantes.

Pois, sabe-se que Marx e Engels desenvolveram uma luta encarniçada para que o proletariado, no enfrentamento das grandes tarefas que o esperam, a missão superar o mundo capitalista para criar uma nova sociedade, que garanta um desenvolvimento cultural, pinçassem da grande produção cultural humana toda sua riqueza e se apropriassem dela. Ninguém parte do nada, mas não se pode partir de coisas insignificantes é preciso perceber, por meio da apropriação o que se nega e o que se supera. Assim diz Lukács:

Esta classe deve ser a criadora revolucionária de um novo mundo, e não uma pequena oposição reformista no seio do capitalismo decadente[...] A contínua solicitação da verdadeira e grande herança do passado é, ao mesmo tempo, um apelo ao proletariado, um incentivo e uma solicitação para que enfrente as grandes tarefas que os esperam. (2010, p. 40).

Assim, a supressão da divisão social do trabalho e a formação do homem universal em Marx e Engels ganham um caráter completamente distinto daquele slogan de Comenius “Ensinar tudo a todos”.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BOLLIS, Renata Augusta Ré. **Jan Amos Comenius: um educador em três tempos**. 2015. 152 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Educação, 2015. Disponível em:<https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/docs/17082015_163118_renataaugustarebollis_ok.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2018.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora da Unesp (FEU), 1999.

COMENIUS, João Amós. **Didática magna**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GASPARIN, João Luiz. **Comênio**: a emergência da modernidade na educação. Petrópolis: Vozes, 1997.

FREDERICO, Celso. **A arte no mundo dos homens**: o itinerário de Lukács. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

LOPES, Edson Pereira. O conceito de Educação em Joan Amós Comenius. In **FIDES REFORMATATA XIII**, v. 11, n. 2, p. 49-63, mar. 2009.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos filosóficos**. Tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque. Orbis Pictus: Jean Amós Comenius. In **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 197-205, set./dez. 2011.

PIAGET. Jean. **Jan Amos Comênio**. Tradução: Martha Aparecida Santana Marcondes, Pedro Marcondes, Gino Marzio Ciriello Mazzetto. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4674.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2018.